

Modernidade em Araraquara (SP): narrativas míticas e relações de poder

Modernity in Araraquara (SP): mythical narratives and power relationship

Luís Michel Françaço

Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia Contemporânea - GEPAC
luisnichelf@gmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar o mito da serpente do município de Araraquara - SP e, a partir daí, apontar possíveis articulações entre os usos de um discurso mítico e as relações políticas da cidade de Araraquara. A construção da cidade é um projeto de disputa político pela definição do espaço. Constitui-se assim um campo de sensibilidade a partir do mito, que produz intensos conflitos discursivos, impondo um *ethos* à cidade. O referido “mito da serpente” narra uma praga rogada, pelo padre da Matriz na época, enunciando que Araraquara, por 100 anos, não teria progresso, que uma enorme serpente ficaria em baixo da igreja, e que, se um dia o município progredisse, ela sairia e destruiria toda a cidade. Caso saia, uma águia localizada no chafariz, no centro do largo da Matriz, irá enfrentá-la para proteger a cidade. Assim, este projeto tem por objeto os usos do mito e sobre como é apropriada sua narrativa em favor da produção de novos conteúdos sobre a cidade, na tentativa de obter exclusividade da enunciação da modernidade como valor. A modernidade aqui é pensada em sua dimensão conflituosa, interventora na urbe, buscando instaurar novas centralidades de poder.

Palavras-chave: Modernidade. Araraquara. Poder. Espaço urbano. Cidades médias.

Abstract

This paper's objective is to analyze the serpent myth from the municipality of Araraquara, SP, and, from there, point out possible articulations between the uses of a mythical discourse and the political relations in the city of Araraquara. The construction of a city is a project of political dispute for the definition of the space. Thus, a field of sensibility is constituted from the myth, which generates intense discursive conflicts, imposing an *ethos* to the city. The referred “serpent myth” narrates a curse cast by the Matriz priest at the time, stating that Araraquara would not have progress for a 100 years, that an enormous serpent would stay beneath the church, and that, should the city ever develop, the serpent would come out and destroy all of it. If the serpent does come out, an eagle, located at the fountain at the center of the Matriz's

plaza, would face it in order to protect the city. Therefore, this project's object is the uses of the myth and how its narrative is appropriated in favor of the production of new contents about the city, in an attempt to obtain exclusivity in the enunciation of modernity as a value. Modernity is thought of here in its contentious dimension, inventor of the urbis, seeking to establish new centers of power.

Keywords: Modernity. Araraquara. Power. Urban space. Middle-sized towns.

Introduo

O mito da serpente   narrativa conhecida pelas ruas da cidade de Araraquara (SP). Caminhando por elas se obt m facilmente relatos sobre a presença de uma serpente embaixo da Igreja Matriz de São Bento que foi anunciada através da praga de um padre nos primórdios da formao urbana da cidade. A serpente é corpo vivo, que representa a possibilidade de destruio da cidade, caso ela se modernize, progrida. A presença discursiva deste mito e seu diálogo com narrativas da modernidade enunciadas pelo campo político é objeto deste artigo.

Tr s períodos foram escolhidos para elucidar este diálogo, 1908-1930; 1960-1970; 2000-2015, pois, em cada um destes momentos, surgiu um novo projeto político em Araraquara sustentado pelo princípio da modernidade como valor. Cada novo projeto de poder parecia ter a necessidade de expressar sua força pela recomposio dos monumentos no tabuleiro urbano, utilizando para legitimar seus projetos de poder a modernidade como valor que se contrapõe a praga do padre inscrita na narrativa do mito da serpente.

O antropólogo Lévi-Strauss (2008) definiu o mito como uma ferramenta muito útil para momentos de crise. O mito nos ajuda a operar mediao es diante de relao es de contradio . O mito não é a verdade ótima da sociedade, tampouco a ausência da verdade. O mito nos guia na direo  de um *modo de pensar*, um modo particular de pensar. Busca-se aqui compreender como este *modo de pensar* participa de forma ativa no processo de disputa política de organizao  de uma cidade.

Mas, para compreender a presença do mito, é preciso entender sua relao  com a história de Araraquara, bem como, o papel central que o largo da Matriz tem no processo de construo  desta cidade.

Assim, na primeira parte deste artigo realiza-se breves apontamentos sobre a história de Araraquara em que se demonstra a centralidade da igreja Matriz de São Bento e do assassinato dos Brito na formação de espaço urbano araraquarense. Em um segundo momento, se analisa as narrativas da modernidade que são enunciadas por diferentes grupos políticos em distintos períodos históricos da cidade. Por fim, busca-se demonstrar, de que modo, a classe política desta cidade busca legitimar projetos de poder através da obtenção da exclusividade da enunciação da *modernidade* como *valor*. *Modernidade* esta, que ganha um sentido particular em Araraquara, ao funcionar como contraponto a praga do padre anunciada no mito da serpente.

A cidade

Araraquara é alçada à condição de cidade em 06 de fevereiro 1889 através do decreto Provincial nº7 (1936, p.31)¹. Será este o período de constituição da narrativa do mito da serpente, na passagem do século XIX para o XX. Período emblemático de expansão populacional e crescimento urbano para diversas cidades do interior do Estado de São Paulo.

Nesta época, Araraquara viveu a recente instauração do regime republicano. Abrigou ampla população de imigrantes, principalmente italianos, portugueses e espanhóis. Ampliou suas riquezas econômicas através da produção de café e ampliou seus limites urbanos, estimulada pela chegada da ferrovia à cidade, em 1885².

Por sua vez, a constituição do espaço urbano foi uma das mais significativas mudanças deste período, sendo o café um dos principais motivos de sua concretização³. Seu cultivo presente no campo teve impacto decisivo na formação da urbes.

¹ O decreto é citado no discurso pronunciado pelo Deputado Bento A. Sampaio Vidal, no banquete em sua homenagem, no Hotel Municipal, de Araraquara, em 22 de Agosto de 1936. Disponível no Arquivo Público Municipal de Araraquara “Rodolpho Telarolli”

² Sobre a expansão da ferrovia: “Em 1867 a ferrovia atingia Jundiaí, ligando-a a Santos; em 1872 chegava a Campinas; em 1875 a Mogi-Mirim e a Amparo; em 1876 a Rio Claro; em 1878 a Casa Branca e em 1883 a Ribeirão Preto” (CANO, 2002, p.64). Através de dados disponíveis nos arquivos sabemos que em 1885 passou a funcionar a Estrada de Ferro Araraquara que garantia o escoamento da produção até o Porto de Santos. Há certo tempo os produtores de café intermediavam a vinda da Companhia Paulista de Estradas de Ferro para a cidade.

³ Conferir: “Como sabemos, o ritmo e o vulto dos melhoramentos urbanos eram ditados pela prosperidade da lavoura cafeeira. O núcleo urbano existia em função da economia agrícola, das fazendas, e a maior ou menor circulação de dinheiro oscilava conforme as alternâncias entre prosperidade e crise da produção e comércio do café” (TELAROLLI, 2003, p.145)

A Matriz de São Bento

Neste contexto de urbanização o Largo da Matriz exerce papel de centralidade. Sua localização no centro do nascente espaço urbano faz dele palco do assassinato dos Brito e do mito da serpente. Assim, sobre este início do século XX:

Duas partes da cidade mereceram as atenções dos homens públicos durante esse período: a estação da Estrada de Ferro e a Praça da Matriz. A Estrada de Ferro representava o ponto de Embarque da mercadoria produzida, o café, e garantia a ligação da cidade com outras regiões. A Praça da Matriz, como antigo núcleo, comandava o crescimento urbano (CORRÊA, 2008, p.207)

A posição central da Matriz na formação da urbe pode ser verificada através dos elementos que a constituem. A praça da Matriz abriga o primeiro monumento público da cidade (Figura 1).



Figura 1 - Segundo dados do Arquivo Público da Prefeitura de Araraquara (SP) a foto é de 1917. O local é o Largo da Matriz. Ao fundo, no canto direito, o chafariz. A foto retrata a inauguração do

monumento público que comemora o centenário do primeiro batizado realizado em Araraquara no ano de 1817⁴

Por sua vez, incorporado enquanto elemento urbano, o prédio da Igreja Matriz acompanha as transformações que a cidade atravessou⁵. É consenso que a Igreja Matriz passa atualmente pela reforma de sua quinta versão, que se encontra inacabada desde 1958. A partir das fotos abaixo podemos observar as alterações pelas quais a referida igreja passou.

⁴ LOPES, Eduardo Luiz Veiga. 100 anos de fotografia: Memória fotográfica de Araraquara. Realização: Prefeitura do município de Araraquara em comemoração aos 190 anos de Araraquara. Parte I. Pasta Praças. Foto nº 474.

⁵ Sobre os períodos das construções e reformas da Igreja Matriz foram verificadas algumas contradições de data nas fontes disponíveis. Especialmente sobre a primeira capela da igreja. Sobre fontes acerca do assunto, conferir: CIDADANIA EM NOTÍCIA. Novembro de 2006. Igreja Matriz: testemunha da nossa história. Papel da Arte. Araraquara. Arquivo da Biblioteca Municipal de Araraquara “Mario de Andrade”; PARÓQUIA DE SÃO BENTO – Informativo Preimara. 17 de agosto de 2003. A Matriz de São Bento e suas transformações. Edição Especial: Facira. Araraquara: impressão Jornal Folha da Cidade; DURANTE, Beto. 22 de agosto de 2000. E a história de todas as Matrizes. Jornal Tribuna Imprensa. Caderno -TôLigado! Especial. Araraquara; FERNANDES, Andressa. 19.08.2013. Sim, a serpente da Matriz existe – A serpente da Matriz de São Bento segue viva no comportamento do araraquarense. Ano 3. Edição nº 71. Nº 22. p.40-44.



Figura 2 – Foto de 1925. Quarta versão da Igreja Matriz inaugurada em 1891 (com apenas uma torre). Sofre reforma no ano de 1908, sendo demolida em 1956.⁶

⁶ Fonte: LOPES, Eduardo Luiz Veiga. 100 anos de fotografia: Memória fotográfica de Araraquara. Realização: Prefeitura do município de Araraquara em comemoração aos 190 anos de Araraquara. Parte I. Pasta: Matriz. Foto: 193.

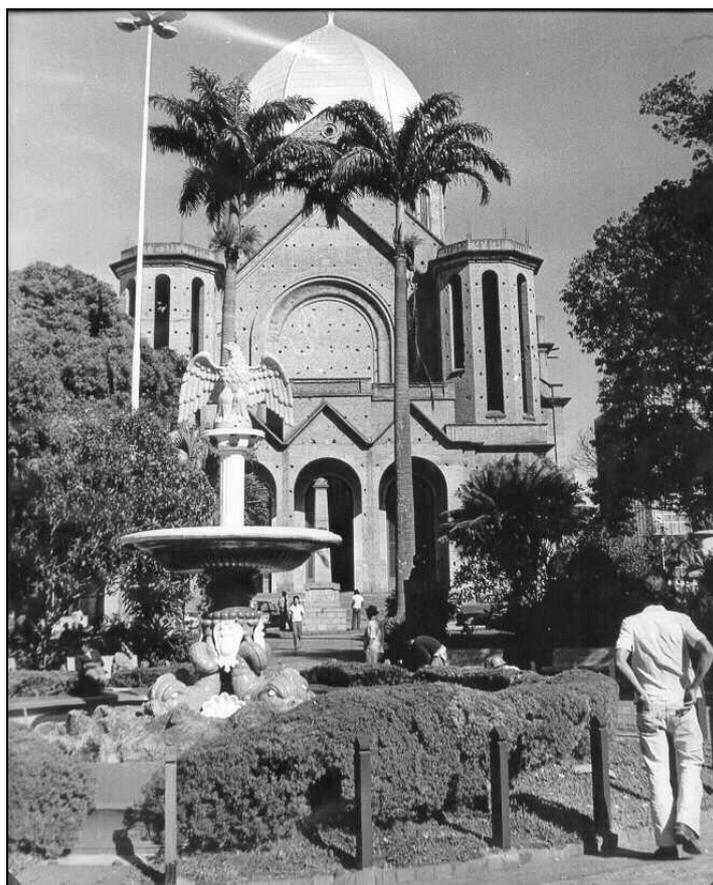


Figura 3 - Foto de 1978 referente à quinta versão da Igreja Matriz, construída em 1958 e ainda inacabada.⁷

Atualmente, Araraquara se constitui enquanto uma cidade média, segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁸ a população⁹ estimada é de 222.036 habitantes em uma área territorial de 1.003,625 Km². Em 2010 o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Araraquara atingiu 0,815. Já o PIB per capita chegou, em 2011, a R\$ 24.836,51.

⁷ LOPES, Eduardo Luiz Veiga. 100 anos de fotografia: Memória fotográfica de Araraquara. Realização: Prefeitura do município de Araraquara em comemoração aos 190 anos de Araraquara. Parte I. Pasta: Matriz. Foto: 221.

⁸ Fonte: Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=350320&idtema=16&search=||s%EDntese-das-informa%E7%F5es>. Acessado em: 15 de agosto de 2015.

⁹ Circunscrita em região de crescente expansão produtiva, atraindo empresas motivadas pela localização central da cidade no interior do estado de São Paulo, sua economia atrai constantes fluxos populacionais em busca de trabalho nos setores sulcroalcooleiro e de serviços.

O assassinato dos Brito

O caso conhecido como assassinato dos Brito¹⁰, foi um crime que ocorreu na cidade de Araraquara na passagem do século XIX para o XX. Fato trágico que marcou a história do município e fez parte do contexto em que foi gerada a narrativa do mito da serpente.

Esta história tem início no dia 30 de janeiro de 1897, dia em que foi assassinado o coronel Antônio Joaquim de Carvalho, chefe político da cidade na época, por tiros do revólver do jornalista Rosendo de Brito. Naquele momento o Coronel tinha 59 anos. Rosendo, 24 anos. Manoel, seu tio, 49.



Figura 4 - Rosendo de Brito (esquerda) e Manoel de Souza Brito (direita) ¹¹

Até então, na cidade, vigorava a divisão política entre dois grandes grupos: monarquistas e republicanos. Afloram as figuras do monarquista tenente-

¹⁰ Rosendo de Brito nasceu na cidade de Rosário do Catete, interior do Sergipe. Seu tio Manoel também viera de Sergipe para Araraquara. Rosendo estabeleceu-se enquanto jornalista, ao passo que Manoel trabalhava como farmacêutico. A mãe de Rosendo, Pina, era professora. Seu pai, Tranquilino, abriu um cartório em Araraquara.

¹¹ Fonte: Disponível em: http://www.portalk3.com.br/Content/Media/Images/Site/15596_conteudo.jpg. Acessado em: 25 de outubro de 2015.

coronel Joaquim Duarte Pinto Ferraz¹² e do republicano coronel Antônio Joaquim de Carvalho¹³ (TELAROLLI, 1977, p.28-29), ambos ligados à produção do café. Em 1889, com a passagem do regime monárquico para o republicano, ocorre a ascensão política do coronel Carvalho.

Neste contexto o jornalista Rosendo de Souza Brito¹⁴ publicava nos jornais suas críticas sobre o modo como se conduzia a cidade, causando desagrado ao coronel Carvalho. O estopim ocorre por conta de queixa contra caso de violência policial ligado ao tenente João Batista Soares¹⁵. “Os maus tratos de que foi alvo o cocheiro na cadeia logo se transformaram em motivo para especulações da oposição. Os fatos vieram para as páginas da imprensa local pela pena de Rosendo” (TELAROLLI, 1977, p.52)

A tensão em torno da queixa de violência permeou o encontro entre o coronel e Rosendo na farmácia, de propriedade de Francisco do Amaral¹⁶. Nela trabalhava Manoel de Souza Brito, tio de Rosendo. Tinha aí início o conflito.

No sábado, 30 de janeiro, por volta das 5 horas da tarde, o ‘coronel’ acabou de ler o último ataque que brotara da pena de Rosendo, em exemplar pressurosamente trazido pelo delegado civil, dr. Doria. Da janela de sua casa viu Rosendo atravessar o largo da Matriz e entrar na farmácia São Bento, de propriedade de Francisco do Amaral Barros. O ‘coronel’, bengala em punho, contendo um estoque saiu de imediato também rumo à farmácia. Sua vida teria a duração de mais uma hora somente (TELAROLLI, 1977, p.58)

Rosendo e Manoel são presos e levados para a cadeia pública logo após o assassinato do coronel Carvalho. A cadeia na época ficava em frente à Igreja Matriz. A

¹² Segundo Telarolli (1977, p.29) o tenente-coronel Joaquim Duarte Pinto Ferraz nasceu em São Paulo em 1837, chegando em Araraquara no ano de 1869. Era membro do Partido Conservador.

¹³ Segundo Corrêa (1998, p.164) o coronel Antônio Joaquim de Carvalho nasceu em Porto Feliz no dia 07 de julho de 1838. Cursou a Faculdade de Direito de São Paulo tendo como companheiros Prudente de Moraes e Campos Sales. Era membro do Partido Republicano Paulista.

¹⁴ Importante esclarecer que adotamos neste trabalho o nome *Rosendo* com a letra *s* e não com a letra *z*. Porém é possível encontrar o nome com a letra *z*, como por exemplo: Barretos (2005). Já o nome com *s* pode ser encontrado em: Corrêa (2008); Telarolli (1977); Jornal O Diário Popular (05.08.1987)

¹⁵ João Batista Soares ocupava nesta época o cargo de comandante do destacamento policial, indicado pelo Partido Republicano Federal. No dia 08 de dezembro de 1896, prende o cocheiro Francisco da Cunha Oliveira, conhecido como Chico Viola. Soares é acusado de abuso de violência contra Chico Viola quando este se encontrava retido na delegacia. O caso ganha projeção na disputa entre monarquistas e republicanos na cidade (TELAROLLI, 1977, p. 51-52).

¹⁶ Francisco do Amaral Barros era dono na Farmácia São Bento, localizada próxima ao Largo da Matriz. Tinha 22 anos de idade na época. Foi convocado como testemunha pela defesa de Tenente Soares no caso de queixa de violência contra Chico Viola. O coronel Carvalho ao ver Amaral em diálogo com Rosendo temeu pelo bom andamento do caso que envolvia o tenente Soares, seu aliado político (TELAROLLI, 1977, p.55).

missa de sétimo dia do coronel Carvalho acontece na Igreja Matriz, contando com a presença de correligionários e parentes. Das fazendas de café dos Carvalho são convocados os empregados para comparecerem. Grande público foi formado para o evento. Na cidade era de conhecimento que existia a intenção de se realizar o assassinato dos Brito (CORRÊA, 2008; TELAROLLI, 1977).

O grande público da missa do coronel retorna durante a noite para o Largo da Matriz. Alguns ficam responsáveis por formar cordão em torno da delegacia, estratégia utilizada para proteger a identidade dos agressores. É noite de 07 de fevereiro de 1897 quando a delegacia é invadida e dela são retirados Rosendo e Manoel. Os dois são arrancados do interior da delegacia graças à conivência das forças policiais locais. Os Brito são então mortos e esquartejados no centro do cordão que se formou. Desta forma, a presença dos empregados das fazendas de café, de aliados e parentes do coronel, não se fez em vão.

O crime ganha projeção nacional graças a alguns fatores dos quais podemos destacar a condição de réu de Teodoro Dias de Carvalho Júnior¹⁷ no julgamento do crime, o contexto turbulento de introdução do regime republicano, a proximidade das eleições e a mobilização da comunidade sergipana.

Em nível nacional, a introdução do regime republicano se fez em meio a turbulências. Como exemplo, neste mesmo ano de 1897 estoura a guerra de Canudos. A repressão do governo republicano a este movimento não fez melhorar sua imagem. Araraquara, por sua vez, após o crime, passa a ser chamada de *linchaquara*.

Diante do número de manifestações em Araraquara o julgamento do caso foi realizado em Américo Brasiliense. Os corpos de Rosendo e Manoel são enterrados a quilômetros de distância do centro populacional da cidade. O local, denominado *Cemitério das Cruzes*, era conhecido na época por serem lá enterrados os mortos pelo surto de febre amarela¹⁸. Tanto a escolha do local do enterro dos corpos quanto do

¹⁷ Teodoro Dias de Carvalho Júnior nasceu em Estrela do Sul, cidade mineira. Veio para São Paulo em 1879. Chega a Araraquara em 1887. Era genro do coronel Carvalho. Em 1892 assume o cargo de chefe de Polícia de São Paulo. Faleceu em São Paulo no ano de 1928. (TELAROLLI, 1977, p.170-175).

¹⁸ Sobre o tema conferir referência ao Cemitério das Cruzes em texto de Pio Lourenço Corrêa de 1948: “Foi assim que Araraquara, coberta de eucaliptos e de cal, e privada das antigas privadas, do cemitério de São Bento e dos poços, viu afinal, em 1897, o último caso de febre amarela afundir-se no cemitério de contagiados da charneca das Cruzes” (CÔRREA, P. 1948, p.40)

juizamento previam evitar manifestaoes. Ao final do juizamento todos os réus são absolvidos.

Rosendo e Manuel são então enterrados distantes do centro da cidade, porém, o local em que foram enterrados se consolida como trajeto de peregrinação popular. Com o tempo passam a ser vistos pela população como santos. Posteriormente, no cemitério foi construída Capela sobre os seus corpos enterrados, a chamada Capela das Almas.

Praga de padre

Segundo registros da cidade¹⁹, após o assassinato dos Brito em frente à Igreja Matriz de São Bento, o padre Antonio Cesarino²⁰, em meio  população que circundava os corpos, roga uma praga, afirmando que Araraquara não teria progresso por 100 anos, e que, do ódio daquele assassinato, gerara-se o gérmen de uma serpente que viveria embaixo do prédio da Matriz. E que, se Araraquara um dia terminasse a reforma da Igreja, a serpente sairia à luz com o objetivo de destruir a cidade.

¹⁹ Os primeiro registros escritos da praga do padre datam do ano de 1962, sendo publicada em matéria do jornal Diário de São Paulo. A praga foi posteriormente veiculada nas obras de historiadora Anna Maria Martinez Corrêa, em 1968, do historiador Rodolpho Telarolli, em 1975. Outras versões do mito foram obtidas através de entrevistas. No total, seis variações do chamado mito da serpente foram colhidas.

²⁰ Segundo registros da cidade, o padre Antonio Cesarino nasceu em 31 de março de 1855, em Sapri, na Itália. Chega em Araraquara em 1896, que se encontrava devastada por um surto de febre amarela. Figura influente, foi responsável por ampliações no prédio da Matriz, retornando  Itália em 1911, onde faleceu em 1913.



Figura 7 - Padre Antonio Cesarino ²¹

Não por acaso o mito apresenta uma presença discursiva em Araraquara. O mito está inscrito no nascente espaço urbano, especificamente, no largo da Matriz.

Assim, tanto o mito da serpente quanto o assassinato dos Brito foram criados e situados no quadrilátero da Igreja Matriz, local de formação do nascente espaço urbano araraquarense, espaço este que após o trágico crime começa a ser reestruturado:

O antigo largo de terra da bela Matriz de São Bento inaugurada em 1891 vinha sendo ajardinado. Construía-se um tanque de forma ovalada no centro

²¹ Fonte: Do blog comunidade de evangelização escalada. Disponível em: <http://escaladaararaquara.zip.net/images/padre-antonio-cezarino.png>. Acessado em: 10 de julho de 2015.

do Largo, onde em breve seria instalado um chafariz, encimado por uma grande guia de bronze (TELAROLLI, 2003, p.154)

Após o assassinato dos Brito, em 1897, o prefeito Dario de Carvalho – filho do coronel Carvalho – resolve demolir a cadeia pública em que aqueles haviam sido presos. Assim, em 1911, a delegacia  demolida e, em seu lugar, construído um chafariz.

O mito está inscrito no espaço, basta um olhar para o largo. Nele  possível observar a presença do chafariz que esconde a cadeia pública. Nas paredes da interminável obra do prédio da Igreja Matriz, v-se rachaduras que, segundo relatos, são provocadas pelo movimento subterrâneo da serpente. As rachaduras como sinais da eficácia da praga profetizada pelo padre.

Desta forma, o mito está presente neste elemento urbano que  o largo. Elemento de centralidade que se constitui como marco para o surgimento do município de Araraquara – como anteriormente se apontou –, marco de fundação da urbe. O mito da serpente não localiza sua narrativa em um espaço imaginário e territorialmente distante, mas sim no coração da cidade, seu centro, seu primeiro lugar de constituição. Ou, como aponta estudo do arquiteto Igor Rossoni: “Como se v a história deixa marcas, o passado registrado em cada palmo de terra do largo. Os murmúrios cravados nas paredes” (ROSSONI, 1981, p.5). A presença da serpente como que constitui uma marca negativa para a cidade:

Afirmações, ditos populares, casos, medos, todos envolvendo o Largo, que não muda, quer dizer, altera-se mas sempre dentro de seu espaço limitado, e por mais que se tente explicar com palavras e fatos palpáveis, estes talvez, não sejam os reais, pois, a chave talvez não esteja em poder dos homens que ditam as palavras. O Largo está a, até hoje e para sempre, encerrando em si domínio sensitivo e próprio. Talvez fuja ao alcance do meramente material, tal situação, por quanto se negue. Após todos esses pensares e refletires concluímos ser esta localidade um ponto de vibrações negativas que apenas sentimos, no campo das sensações. (ROSSONI, 1981, p.5)

Narrativas da modernidade

Após abordar o surgimento e as transformações do largo da Matriz, pode-se apontar agora como se deu a introdução, pelos grupos políticos, da noção de

modernidade em Araraquara como valor de agregação da comunidade local. Como se buscou superar a imagem negativa e trágica deixada pelo crime dos Brito, a presença da águia é um elemento que aponta para o primeiro grande processo de mudanças urbanas em Araraquara. Após o assassinato dos Brito, a delegacia em que foram presos tornou-se um marco negativo, temia-se na época que pudesse ser local de peregrinação popular em protesto ao assassinato. A antiga delegacia deu lugar a um chafariz no centro do Largo da Matriz, e nele uma águia foi colocada no ano de 1914, pelo prefeito major Dario Alves de Carvalho (filho do coronel Carvalho).

No local onde os corpos foram deixados o povo ergueu um cruzeiro em memória das vítimas, onde eram depositadas velas e feitas orações. Com o intuito de apagar da mente do povo o vergonhoso acontecimento, Dario de Carvalho, filho do coronel e um dos cabeças do linchamento, manda retirar o cruzeiro, ajardinando o largo e instalando um tanque que abrigaria um chafariz, até hoje existente (ROSSONI, 1981, p.3)

Dario de Carvalho compunha o chamado *Grupo de 1908*, grupo este que, ao fazer uso do valor de modernidade, realizou um intenso reordenamento espacial da cidade.

No ano de 1908, deu-se uma mudança no comando da vida política e administrativa de Araraquara. Há muitos anos vinha ganhando as eleições que se realizavam de 3 em 3 anos para a Câmara de Vereadores um mesmo grupo. Nas eleições de 1908, uma outra facção na qual a figura do cafeicultor Bento de Abreu Sampaio Vidal ganha o poder. E esse grupo é que comandará a política e a administração de Araraquara até a revolução de 1930, tendo sempre como lideranças Bento de Abreu e filhos do coronel Antônio Joaquim de Carvalho, primeiro Dario, depois Plínio (TELAROLLI, 2003, p.169)

Além da obra do largo da Matriz, o *grupo de 1908* será responsável por criar os monumentos urbanos que ficarão gravados na memória araraquarense como o primeiro desenho urbano da cidade. Este impulso será capitaneado por recursos privados, na maior parte advinda dos rendimentos obtidos com a produção do café.

Assim, neste primeiro desenho urbano, foram construídos, para citar apenas alguns exemplos, o antigo Theatro de Araraquara (1914), o Hotel Municipal (1916), o

palacete do Clube Araraquarense (1925) e a Escola de Belas Artes (1935). Outro elemento desta época foi a intensa arborizao do espaço urbano, formando bulevares e praças ajardinadas existentes até hoje.

Outro elemento importante neste contexto do início do século XX foi a intensa presença de estrangeiros na cidade. Com a vinda da ferrovia e o fim do trabalho escravo no país, não param de chegar trabalhadores estrangeiros para as lavouras do café, chegando mesmo, nesta época, a superar o número de brasileiros residentes na área urbana - em processo de formao - de Araraquara. A partir de recenseamento em 1902, tem-se:

Ao final, o Dr. Chastinet contou 4.046 habitantes, mais mulheres (2489) do que homens (1997). Visitou cerca de 1910 casas, onde moravam 1859 brasileiros, ou 'nacionais' como se dizia, e 2187 estrangeiros e filhos. A maioria desses estrangeiros era italiana, mas foram anotadas as presenças de outras nacionalidades - alemães, chineses, austríacos,  rabes, poloneses, s rios, franceses, norte-americanos, portugueses e espanhóis -. (TELAROLLI, 2003, p.140)

Assim, temos um quadro interessante para pensar este cenário que o recenseamento de 1902 apresenta. Como realizar a incorporao de estrangeiros   cidade de Araraquara após o impacto do crime de 1897? Esta *incorporao*   fundamental, pois é somente a partir dela que a cidade pode superar a crise da *linchaquara* e almejar o desenvolvimento. E será através da introduo da *modernidade* como valor que irá se construir um espírito de agregao na comunidade. Bento de Abreu²², presidente da Câmara Municipal de Araraquara nesta época, inaugura as narrativas da modernidade. Em 15 de janeiro de 1911, ao tomar posse como presidente da Câmara, discursou²³:

Dous homens desta cidade conseguiram o milagre de realizar essa homogeneidade, de reunir em um só pensamento a quase totalidade da sua

²² Bento de Abreu Sampaio Vidal (1872-1948) foi um barão do café, influente e decisivo em todo o projeto urbano implementado em Araraquara no início do século XX. Foi proprietário da Fazenda Alpes (próxima à atual cidade de Santa Lúcia) e presidente da Câmara durante o período de 1908 a 1930.

²³ O trecho do discurso aqui reproduzido segue fiel aos padrões ortográficos da época.

população. Carlos Baptista de Magalhães e major Carvalho Filho, a energia generosa, boa e nobre do moço aliada á prudência e sagacidade do homem experimentado (...) Quem se lembrar do que é uma cidade do interior convulsionada pelas paixões locais, cuja atmosfera maldita torna a inabitável, pode avaliar quanto se deve a esses homens, cujos nomes devem ser cobertos de bençãos (...) Isto durará? Depende de cada cidadão ter sempre consciência do papel do homem moderno. Quer a administração e a política estejam em mãos de A ou B é preciso continuar a mesma harmonia e não retrogradar. E' um serviço prestado á civilização, ao Brasil, á nossa terra e a nós mesmos" (...) foi conseguido o milagre de tornar quasi homogênea a quase totalidade da população de Araraquara (...) (ABREU, 1911, p.0)

Este trecho do discurso deixa claro os objetivos da época: primeiro era preciso superar a trágica morte dos Brito: *“Quem se lembrar do que é uma cidade do interior convulsionada pelas paixões locais, cuja atmosfera maldita torna a inabitável, pode avaliar quanto se deve a esses homens (...)”*. Logo em seguida Bento de Abreu aponta como isto pode ser feito: *“Depende de cada cidadão ter sempre consciência do papel do **homem moderno**. Quer a administração e a política estejam em mãos de A ou B é preciso continuar a mesma **harmonia e não retrogradar**”*. Ou seja, o papel de *homem moderno* será o novo valor do cidadão araraquarense permitindo, desta forma, alcançar a *harmonia e não retrogradar*.

Assim, em 1914, estão lançadas as bases para a utilização, pelos grupos políticos, da modernidade como valor de harmonização: monumentos públicos²⁴, numeração das vias públicas, invenção institucional da tradição e a colocação da águia no chafariz da Matriz. O tabuleiro urbano ganha suas peças, marcadas indelevelmente pelo signo do progresso e pela sombra da praga.

Passada esta primeira fase, Araraquara voltará a viver grandes remodelações do seu espaço urbano nas décadas de 50, 60 e 70, momentos em que ressurgem as narrativas da *modernidade* como *valor*. Neste período, ocorre o início da

²⁴ Em 1885 é inaugurada a ferrovia em Araraquara; 1890 é lançado o Código de Posturas que legisla sobre o ordenamento do nascente espaço urbano; 1904 é construído o Hospital da Beneficência Portuguesa; 1909 é inaugurado o sistema de luz elétrica da cidade; 1911 são encomendadas por Dario de Carvalho – prefeito e filho do Coronel Carvalho - 400 mudas de Oitis, do Rio de Janeiro, que irão compor projeto de arborização nas ruas São Bento (3) e Voluntários da Pátria (5); 1916 é inaugurado o antigo Teatro Municipal de Araraquara; 1916 é inaugurado o Hotel Municipal.

industrialização e a locomoção de grande contingente populacional do campo para a cidade. É a urbanização que lança novos desafios.

A população urbana de Araraquara já era um pouco maior do que a rural. Na sede, viviam cerca de 28.000 habitantes e na zona rural, 20.000. Havia já se iniciado o xodo rural, após a decadência do café (TELAROLLI, 2003, p.179).

E segue:

Na zona urbana de Araraquara existiam 5.397 prédios. Apenas 2.847 com ligação de esgoto, 4.454 com ligação de água e 4.500 com rede elétrica. A Prefeitura projetava ordenar o crescimento da cidade e preocupava-se com a criação de um bairro industrial, concedendo benefícios aos interessados como alternativa para a decaída lavoura cafeeira (...) Esse bairro, apesar de não mencionado, era a Vila Xavier (TELAROLLI, 2003, p.180)

Nesta poca, Rômulo Lupo²⁵ foi prefeito por dois mandatos (1956-59; 1964-68) e realizou um conjunto de alteraoes no espaço urbano da cidade ao remodelar os monumentos herdados do *grupo de 1908*. Um político de impulso industrial substituía, a seu modo, os monumentos urbanos criados pela elite cafeeira.

As realizaoes de Lupo tero grande impacto na época: a instalação do telefone automático, início da captação de recursos para a construção do Ginásio de Esportes conhecido pelo nome de Giganto, introdução do ônibus elétrico - através da criação da empresa pública CTA (Companhia Trleibus de Araraquara) -, inauguração do Mercado Municipal, da antiga Rodoviária de Araraquara, construção do Hotel Morada do Sol e reforma e ampliação do Hotel Municipal.

Com Rômulo Lupo na chefia do Executivo tudo se transformou, como por um toque de mágica. O que era retrocesso converteu-se em progresso. Da cartola mágica do Prefeito foram surgindo, em sucessão ininterrupta, os coelhos, as pombas, as flores dos telefones automáticos, dos ônibus elétricos, da pavimentação, da organização da contabilidade municipal, do calçamento de vias públicas antes intransitáveis, dos jardins, das fontes luminosas, da extinção da dvida flutuante, do crédito ilimitado ao Município, do estoque de materiais, da conservação impecável das rodovias municipais, do Mercado Municipal, da rigorosa honestidade nos negócios públicos, da defesa intransigente dos interesses do povo, da vigilância cuidadosa do patrimnio municipal (...) em cooperação com Jânio Quadros e Carvalho Pinto, as mágicas soberbas do Instituto de Educação, da Faculdade de Filosofia, dos

²⁵ Filho de imigrantes italianos nasceu em 1902 e faleceu em 1976, sua família inicialmente desenvolveu atividades voltadas a relojoaria e ticas. Mas foi com a criação da Indústria de Meias Lupo que atingiram grande impacto econmico na cidade.

Ginásios Estaduais, da Delegacia e da nova Cadeia Pública, da nova Estação de águas, etc (REVISTA DO JORNAL O IMPARCIAL, 1959, p.53)

Apesar das novas obras este período traz, duas demolições que marcam esta fase: a da quarta versão da Matriz em 1956, e a do antigo Theatro de Araraquara, em 1966. O antigo Theatro foi inaugurado em 1914, ficava na esquina da Rua São Bento com a Avenida Duque de Caxias; com seus 918 lugares, conectou Araraquara aos teatros de São Paulo, Rio de Janeiro e Manaus.

Segundo mostra Toledo (2013), para realizar a demolição Rômulo Lupo enfrentou um árduo debate com a Câmara Municipal de Araraquara e com a Comissão do Plano Diretor do Município. Apesar do Plano Diretor ainda não ter sido aprovado, a comissão podia analisar a viabilidade do projeto de demolição do antigo Theatro, através da Lei 1077 de 9 de dezembro de 1961, que previa:

(...) desde a instalação da Comissão nenhum projeto de lei ou medida administrativa referente a zoneamentos, arruamentos, loteamentos, construções, espaços verdes, obras e serviços de utilidade pública poderá ser aprovado ou executado, sem prévio parecer da Comissão do Plano Diretor do Município (TOLEDO, 2013, p.112, nota nº 52)

O plano do prefeito Rômulo Lupo era construir no lugar do antigo Theatro um alto prédio que fosse referência, símbolo de progresso, para Araraquara e as cidades vizinhas. Diante das dificuldades de tratamento com a Comissão do Plano Diretor do Município, Lupo argumentou diretamente com a Câmara Municipal, tentando convencê-los da importância de sua proposta:

Pelo que se pode verificar, a lei que criou a Comissão do Plano Diretor e do Escritório Técnico teoricamente é muito boa, mas na prática, como se constatou na referida reunião, só conseguiria dificultar, quando não obstar de vez o progresso da cidade, se nos ativermos a observar seus dispositivos que, como dissemos, teoricamente podem ser bons, mas na prática são desaconselháveis e, **porque não dizer, até perniciosos para o progresso e – desenvolvimento de nossa cidade (...)** Si nos aferrarmos à idéia de um planejamento tão rígido, as outras cidades, nossas vizinhas, como aliás está acontecendo, construirão seus arranha-céus, progredirão e nós

ficaremos para traz (LUPO, 1965 In: TOLEDO, 2003, p.290-291, destaque nosso)²⁶

A Câmara vota o projeto que prevê a demolição e o prefeito Lupo vence. A proposta de modernidade de Lupo, personificada no elemento urbano que é o *arranha-céu*. O poder realiza a conversão, que permite, como podemos observar no texto abaixo, que a *picareta avassalante do progresso* faça desaparecer *os vestígios do passado*.

Araraquara vêm-nos maravilhando com seu ritmo acelerado de evolução, remodelando-se, transformando-se a mais e mais, perdendo aquela tacanha fisionomia ou humilde aspecto de província, ou antes, de burgo, que a caracterizava há longos anos atrás...Araraquara progride finalmente! (...) **Antigas casas e velhas ruas sofrem os rudes golpes da picareta avassalante do Progresso...Desapareceram os vestígios do Passado...Transfigura-se, metamorfoseia-se a 'urbs', vertiginosa de um dinamismo sem par** (...) É a revolução estonteante do Progresso, a vertigem sempre sonhada de uma Araraquara maior, sempre crescente em seus valores intelectuais (...) (MURICCA, 1959, p.86, destaque nosso)

O ritmo pulsante da cidade continua nos próximos anos; em 1970, era possível ler matérias sobre projeto do arquiteto Paulo Barbieri, que previa transformar Araraquara na capital do Estado de São Paulo²⁷.

Mas uma mudança importante irá ocorrer, a operação de superar o passado amaldiçoado será definitivamente institucionalizada. Em 1972, no governo do prefeito Clodoaldo Medina, será aprovada a Lei nº. 1.866 que institui o hino de Araraquara e em 30 de maio de 1974, é aprovada a Lei nº 2.058 que institui os símbolos de Araraquara.

O hino de Araraquara recupera o mito de origem da cidade, aquele que afirma que a cidade é o lugar em que mora o sol, e estabelece a imagem da *Morada do Sol*,

²⁶ LUPO, Rômulo. 10, maio.1965. Ofício do prefeito Rômulo Lupo relatando suas impressões a respeito da reunião que teve com a Comissão do Plano Diretor In: TOLEDO, Rodrigo Alberto. 2013. **Trajatórias do Planejamento Urbano no Município de Araraquara: Centralismo Decisório ou Participação?** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, sob orientação da Prof Dr^a Maria Teresa Miceli Kerbauy. Araraquara, SP.

²⁷ REVISTA do Jornal O Imparcial. 22 de ago. 1970. **Araraquara – Capital do Estado**. Araraquara: Gráfica Globo, p.3.

termo até hoje comumente usado para nomear a cidade. O brasão, por sua vez, institui o lema *sempre mais alto*, dado que, como explica a lei, os cidadãos *almejam para o Município* uma posição sempre mais elevada.

Mas este movimento institucional de criação de símbolos não foi isolado. Ele previa responder a certa produção literária e histórica desta época, que resolveu desenterrar a questão do mito da serpente, da praga do padre e do assassinato dos Brito.

O primeiro registro escrito da praga do padre, aqui obtido, data do ano de 1962, sendo publicado em matéria do jornal Diário de São Paulo. Em Araraquara, a narrativa retorna ao dizível através da obra da historiadora Anna Maria Martinez Corrêa no ano de 1968, que não cita fontes ao abordar o tema. Posteriormente, em 1975, a matéria do Jornal o Diário de São Paulo é citada como fonte e utilizada para abordagem sobre a praga do padre no livro de Rodolpho Telarolli. Segue abaixo o conteúdo:

Segundo tradição popular teria sido o vigário, Pe. Antônio Cesarino, o primeiro a dar conta do acontecido. Observando os corpos teria amaldiçoado os responsáveis, bem como a cidade. Conforme foi amanhecendo, os populares começaram a se aproximar da cadeia os corpos foram recolhidos e autopsiados. Uma atmosfera de pavor recaiu sobre a cidade. Os fatos eram narrados em surdina. Todos evitaram se envolver no caso (CORRÊA, 2008, p.177)

Ignácio de Loyola Brandão, em 1976, Anna Maria Martinez Corrêa, em 1968, e Rodolpho Telarolli, em 1975, retomam os temas após um longo período de silêncio. Souza (2003) parece se aproximar da hipótese de que a narrativa do mito retorna ao âmbito do dizível na década de 60²⁸. Cabe considerar que ela retorna através do trabalho dos autores Corrêa (2008), Telarolli (1975) e Brandão (1976)²⁹, num momento em que elementos até então inexplorados ou não abordados sobre a história da cidade reaparecem como objeto de pesquisa:

²⁸ Como hipótese sobre o retorno da narrativa neste período, pode-se apontar que, na década de 1970, foi possível verificar o uso das narrativas do mito da serpente e da história de assassinato dos Brito como críticas aos projetos que tinham a modernidade como horizonte. A narrativa surge como modo de crítica ao projeto de futuro da cidade.

²⁹ Escritor araraquarense. Nasceu em 31 de julho de 1936. Renomado escritor, venceu o Prêmio Jabuti em 2008 com a obra *O menino que vendia Palavras*. Suas obras mais famosas são: *Não verás país nenhum* (1981) e *Zero* (1975). Em 1976, lança obra denominada *Dentes ao sol – Ou a destruição da catedral*; o livro é marcado pelo período em que o autor deixa Araraquara e passa a viver em São Paulo. A obra é permeada por um tom de despedida, que o autor, por sua vez, classifica pela denominação: ostracismo.

As histórias em surdina saem da toca e começam a ganhar um rumo novo; às vezes, mediadas pelos guardiões do templo do medo. O que era tabu vira uma pequena discussão frente ao universo imensurável a ser explorado (SOUZA, 2003, p.7)

O fato da construção da nova Igreja Matriz- sua quarta versão foi demolida em 1956 – não ter sido concluída até hoje também contribuiu para a retomada do mito da serpente. A interminável obra e as rachaduras na parede levam à rediscussão sobre o movimento da serpente em sua estrutura.

No século XXI, parece haver a construção de uma nova relação com a *modernidade como valor*. A eleição do prefeito Edinho Silva, do Partido dos Trabalhadores, traz a retomada da ideia de modernidade, do progresso e levou a cidade a um novo desenho urbano. Por outro lado, a modernidade aqui é proposta como diferente das anteriores, ainda que cumpra a mesma função das duas modernidades (Bento de Abreu; Rômulo Lupo) anteriormente abordadas. Abaixo segue texto da historiadora Teresa Telarolli, que consta no site de Edinho Silva:

No intervalo compreendido entre os anos de 1908 e 1930, a cidade foi palco de um acelerado processo de urbanização. Vivia-se o período do fastígio da lavoura cafeeira e não é absurdo deduzir que a Araraquara castigada poucos anos antes, pela Febre Amarela e pelo episódio indigente do Linchamento dos Brito, fizesse um monumental esforço para “limpar” a memória de seus cidadãos, através de um galopante processo de urbanização e embelezamento da cidade. Estes anos definiram as características e feições da Araraquara do século XX (...) (TERESA TELAROLLI, 2013)

Como aponta o trecho, a modernidade agora é vista em seu caráter negativo, um produto das elites econômicas da época, que produz um efeito de ilusão sobre o real passado da cidade. Mas, ao definir a Araraquara de hoje o texto afirma:

A Araraquara destes tempos, **mostrou-se capaz de ser moderna**, sem deixar de ser inclusiva; a população por seu lado, mostrou-se plenamente capaz de partilhar decisões administrativas, com maturidade democraticamente manifesta nas diversas esferas do Orçamento Participativo, implantado no primeiro ano de gestão petista (TERESA TELAROLLI, 2013, destaque nosso)

Neste trecho, a modernidade como valor retorna, mas diferente daquela que buscou apagar o passado é uma modernidade aberta (ao que vem de fora), inclusiva. Uma modernidade que possa reconectar as pessoas a sua própria cidade. Este movimento não poderia ser feito por qualquer outra figura política:

Ainda sob a perspectiva das transformações, vale ressaltar a ruptura representada pela eleição, em 2000, do **primeiro prefeito oriundo das mais modestas classes sociais e econômicas**, Edson Antônio Edinho da Silva, em uma surpreendente subversão da lógica eleitoral que até então prevalecia em Araraquara (TERESA TELAROLLI, 2013, destaque nosso)

Assim, a figura de Edinho Silva - perante Bento de Abreu, o Barão do café e, Rômulo Lupo, o empresário do setor industrial – permite que o Partido dos Trabalhadores dialogue com o público periférico da cidade em uma posição de maior simetria do ponto de vista social. Cabe destacar, que boa parte da composição da periferia da cidade, no fim do século XX e início do XXI, surgiu do intenso fluxo de trabalhadores atraídos pelo crescimento do setor sucroalcooleiro. Porém, se observarmos bem, esta modernidade pouco difere das anteriores. O que Edinho Silva chama de *inclusivo*, Bento de Abreu chamou de *homogeneidade*. Pois, através de seu programa de políticas públicas seu governo buscará realizar a tarefa de conversão dos estrangeiros recém-chegados em araraquarenses.

Edinho Silva realiza, portanto, tal como Bento de Abreu e Rômulo Lupo uma nova reforma urbana: aprova o segundo plano diretor (2005), modifica vias importantes como a Rua Nove de Julho (2) e a Rua Voluntários da Pátria (5). Mantém o processo de criação de novos conjuntos habitacionais e investe na diversificação da base econômica da cidade, atraindo empresas de tecnologia da informação. Por fim, anuncia projeto que prevê a retirada dos trilhos do centro de Araraquara.

Considerações

Ao abordar os usos das narrativas do chamado mito da serpente acreditamos, assim, ter demonstrado como as cidades antes de tudo são uma criação. E que tal criação não se estabelece de forma arbitrária, mas antes baseada em determinados valores e contradições. E como tal, a manutenção das cidades está permeada também por processos de disputa por um *sentido*, um *valor*. No caso de Araraquara a *modernidade* como valor. Deste modo, analisar o processo constante de criação da cidade nos permite verificar a dimensão negociada do sentido que se quer dar a urbes.

Demonstramos, assim, como Bento de Abreu, Rômulo Lupo e Edinho Silva, mesmo pertencendo a um tempo histórico e a ideologias distintas, recorrem a *modernidade* como *valor* – seja, mais ou menos, inclusiva – para legitimar projetos de poder, que se expressam em alterações urbanas da cidade.

Da modernidade fechada até a modernidade aberta há um campo de forças que buscam de algum modo não permitir que Araraquara retorne ao passado negativo da *linchaquara*. É preciso, *não retrogradar*, no projeto de modernidade que tornou-se exigência para a cidade.

Podemos concluir ainda que investigar a presença do mito da serpente nos permitiu demonstrar como este problematizou a relação da cidade com a noção de modernidade, revelando, uma profícua relação de disputa entre a praga de um padre convertida em mito e as narrativas de apropriação da modernidade criadas pela classe política local.

Acreditamos assim, no final deste artigo ter oferecido apontamentos que possam contribuir para a reflexão das tensões e negociações que permeiam a constituição de um projeto político de cidade a partir da análise de narrativas míticas.

Referências

ABREU, Bento de. 15, jan.1911. **Sessão de Posse da Câmara Municipal de Araraquara. Araraquara.** p.0. Arquivo Histórico Municipal “Rodolpho Telarolli” da Prefeitura de Araraquara (Livro 330).

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. 1976. **Dentes ao sol ou a destruição da catedral.** Editora Brasília, RJ. Rio de Janeiro

CANO, Wilson. 2002. **Ensaio sobre a formação econômica regional do Brasil.** Campinas, SP: editora da UNICAMP.

CORRÊA, Anna Maria Martinez. 2008. **Araraquara 1720-1930: um capítulo da história do café em São Paulo**. São Paulo: Cultura Acadêmica.

CORRÊA, Pio Lourenço (Mota Coqueiro). 1948. A febre amarela em Araraquara In: ALMEIDA, Nelson Martins de. 1948. **Album de Araraquara**. Organização e edição Nelson Martins de Almeida. São Paulo, Composto e impresso pela Empresa “O papel” Ltda.

DISCURSO pronunciado pelo Deputado Bento A. Sampaio Vidal, no banquete em sua homenagem, no Hotel Municipal, de Araraquara, em 22 de Agosto de 1936. Arquivo Histórico Municipal “Rodolpho Telarolli” da Prefeitura de Araraquara (Livro 330).

DURANTE, Beto. 22.08.2000. **A serpente, a águia e a Matriz**. Jornal Tribuna Imprensa. Araraquara.

FERNANDES, Andressa. 19. Ago. 2013. **Sim, a serpente da Matriz existe** – A serpente da Matriz de São Bento segue viva no comportamento do araraquarense. Revista Kappa. Ano 3. Edição nº 71. Nº 22. p.40-44.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2008. **Antropologia estrutural**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify.

LOPES, Eduardo Luiz Veiga. 1999. **100 anos de fotografia: Memória fotográfica de Araraquara**. Prefeitura do Município de Araraquara em comemoração aos 190 anos de Araraquara. CD-ROW I e II.

MURICCA, Rodolpho G. 22 de ago. 1959. **Araraquara – Urbs dinâmica** In: Revista do Jornal O Imparcial: Gráfica Globo, Araraquara.

O IMPARCIAL (Revista). 22 de ago. 1970. **Araraquara – Capital do Estado**. Araraquara: Gráfica Globo, p.3.

SOUZA, J. Maria Vianna de. 2003. **Araraquara 212 anos de história**. São Carlos, SP: Editora compacta.

_____. 2003. **Araraquara 170 anos de política**. São Carlos, SP: Editora Compacta.

TELAROLLI, Rodolpho. 1977. **Poder local na república velha**. Editora Companhia Nacional. Coleção Brasileira. Volume 364

_____. 2003. **Para uma história de Araraquara: 1800 a 2000**. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial.

TELAROLLI, Teresa Cristina. 2013. **História de Araraquara**. Site do deputado estadual Edinho Silva (PT). Disponível em: <http://araraquara.edinhosilva.com.br/historia/>. Acessado em: 14 de dez. 2013.

TOLEDO, Rodrigo Alberto. 2013. **Trajetórias do Planejamento Urbano no Município de Araraquara: Centralismo Decisório ou Participação?** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, sob orientação da Prof.^a Dr^a Maria Teresa Miceli Kerbauy. Araraquara, SP.

ROSSONI, Igor. 1981. **Matriz: história e misticismo – depoimento**. pp. 1-9. Arquivo da Biblioteca Municipal de Araraquara “Mario de Andrade” (Pasta 121 R1).

Sobre o autor

Luís Michel Françaço

Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), é mestre em Ciências Sociais pela mesma universidade. Enquanto pesquisador publicou diversos trabalhos na área de antropologia estruturalista, filosofia política, metodologia científica e análise de narrativas míticas. Recentemente, publicou o livro “A modernidade é uma serpente”, que aborda a interação entre as relações de poder e os sistemas simbólicos. Especializou-se ainda na teoria do filósofo Michel Foucault abordando temas como a noção de sujeito, relações de poder e processos de subjetivação. Possui experiência em desenvolvimento de pesquisa científica, assessoria legislativa e como professor em diversas áreas da educação que incluem cursos preparatórios de vestibular, ensino médio, ensino fundamental -II e educação complementar. Atualmente é professor na rede pública estadual (Geografia e Filosofia). Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia Contemporânea - GEPAC da UNESP.

Artigo Recebido em Setembro de 2017.
Artigo aceito para publicação em Novembro de 2017.